

PSICOLOGIA EXISTENCIALISTA E LITERATURA: REFLEXÕES SOBRE A INFÂNCIA A PARTIR DE UM CONTO SARTRIANO

Existentialist Psychology and Literature: Reflections on Childhood from a Sartrian Tale

Psicología Existencialista y Literatura: Reflexiones sobre la Niñez a partir de un Cuento Sartriano

Psychologie Existentialiste et Littérature : Réflexions sur l'Enfance à partir d'un Conte Sartrien

10.5020/23590777.rs.v22i1.e10854

Raquel Wzorek

Psicóloga. Especialista em Psicologia Existencialista Sartriana, Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Psicoterapeuta, Florianópolis/SC.

Zuleica Pretto

Psicóloga. Doutora e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente de Psicologia em cursos de Graduação, Especialização e Formação em Psicologia Existencialista. Psicoterapeuta/Espaço Biografias, Florianópolis/SC.

Resumo

Este estudo tem como tema geral a infância, entendendo-a a partir da perspectiva filosófica e psicológica de Jean-Paul Sartre (1905 - 1980). Este demarca um olhar socio-histórico e existencial sobre os fenômenos humanos, possibilitando-nos pensar em “infâncias”, diversas e situadas. Detivemo-nos no conto A Infância de um Chefe, do livro O Muro, de Sartre, com a finalidade de articularmos a concepção sobre a constituição de sujeito desse filósofo, com as situações e as vivências do personagem Lucien Fleurier quando criança. Ao emprendermos a correlação com a teoria sartriana, colocamos em evidência as principais mediações da vida de Lucien, bem como o modo como ele as experimentava e como conduzia suas relações, especialmente de modo confuso e solitário, em que as experiências de imaginação e de emoção aparecem como centrais. O conto sartriano ilustra a histórica relação hierárquica entre adultos e crianças, em que os primeiros são considerados sujeitos ativos, detentores do conhecimento, enquanto os segundos, muitas vezes, são considerados passivos e posicionados como objetos, com um futuro predeterminado, com poucos recursos para se tornarem sujeitos de suas histórias.

Palavras-chave: infâncias; constituição de sujeito; psicologia existencialista; literatura, Jean-Paul Sartre.

Abstract

This study has as its general theme childhood, understanding it from the philosophical and psychological perspective of Jean-Paul Sartre (1905 - 1980). It delineates a socio-historical and existential look at human phenomena, allowing us to think about “childhoods”, diverse and situated. We focused on the tale A Infância de um Chefe, from the book The Wall, by Sartre, to articulate the conception of this philosopher’s constitution of subject, with the situations and experiences of the character Lucien Fleurier as a child. By undertaking the correlation with the Sartrean theory, we highlight the main mediations of Lucien’s life, as well as the way he experienced them and how he conducted his relationships, especially in a confused and solitary way, in which the experiences of imagination and emotion appear as central. The Sartrean tale illustrates the historical hierarchical relationship between adults and children, in which the former ones are considered active subjects, holders of knowledge while the latter ones are often considered passive and placed as objects, with a predetermined future, with few resources to become subjects of their stories.

Keywords: childhoods; constitution of subject; existentialist psychology; literature; Jean-Paul Sartre.

Resumen

Este trabajo tiene como tema general la niñez, entendiéndola a partir de la perspectiva filosófica y psicológica de Jean-Paul Sartre (1905 – 1980). Este enfoca una mirada socio-histórica y existencial sobre los fenómenos humanos, posibilitándonos pensar en “infancias”, diversas y situadas. Nos fijamos en el cuento La Niñez de un Jefe, del libro El Muro, de Sartre, con el objetivo de articular la concepción sobre la constitución d sujeto de este filósofo, con las situaciones y las experiencias del personaje Lucien Fleurier cuando niño. Al hacer la correlación con la teoría sartriana, ponemos en evidencia las principales mediaciones de la vida de Lucien, como también el modo que él experimentaba y cómo conducía sus relaciones, especialmente de modo confuso y solitario, en que las experiencias de imaginación y de emoción surgen centrales. El cuento sartriano ilustra la histórica relación jerárquica entre adultos y niños, en que los primeros son considerados sujetos activos, detentores del conocimiento, mientras los segundos, muchas veces, son considerados pasivos y posicionados como objetos, con un futuro predeterminado, con pocos recursos para que se vuelvan sujetos de sus historias.

Palabras clave: *infancias; constitución de sujeto; psicología existencialista; literatura; Jean-Paul Sartre.*

Résumé

Cette étude a pour thème général l'enfance, comprise dans la perspective philosophique et psychologique de Jean-Paul Sartre (1905 - 1980). On délimite un regard socio-historique et existentiel sur les phénomènes humains, permettant de penser des « enfances », diverses et situées. Nous nous sommes concentrés sur la nouvelle "L'enfance d'un Chef", du livre "Le Mur", de Sartre, dans le but d'articuler la conception de la constitution du sujet chez ce philosophe, avec les situations et les expériences du personnage Lucien Fleurier enfant. En prenant la relation avec la théorie sartrienne, nous avons mis en évidence les principales médiations de la vie de Lucien. On a aussi mis en évidence la manière dont il les a vécues et dont il a mené ses relations, c'est-à-dire, notamment de manière confuse et solitaire et en apparaissant les expériences de l'imaginaire et de l'émotion comme centrales. Le conte sartrien illustre la relation hiérarchique historique entre adultes et enfants, dans laquelle les premiers sont considérés comme des sujets actifs, détenteurs de savoirs, tandis que les seconds sont souvent considérés comme passifs et positionnés comme des objets, avec un avenir prédéterminé, avec peu de ressources pour devenir des sujets des leurs propres histoires.

Mots-clés: *enfances ; constitution du sujet ; psychologie existentialiste ; littérature ; Jean-Paul Sartre.*

Pretto (2013) discorre sobre a impossibilidade de falar de infância (no singular), mas sim de infâncias (no plural). Primeiro, porque a realidade social é atravessada pela diversidade étnica, econômica, territorial, geracional, de gênero etc., o que propicia múltiplas condições de existência; segundo, é importante analisar que certa homogeneização ou ordenamento nas aquisições de aprendizagens das crianças não pode ser confundido com uma infância universal/natural, já que certa padronização é possível mediante dispositivos sociais de diversas ordens – biomédicas, pedagógicas, governamentais, entre outras –; e, por último, que mesmo em condições similares, ocorre o processo de singularização do sujeito a partir da sua agência na realidade. Para a mesma autora, ainda, a teoria sobre a realidade humana proposta pelo filósofo francês Jean-Paul Sartre (1905-1980), em especial acerca da constituição dos sujeitos e dos grupos, pode ser um importante aporte para pensar as infâncias na perspectiva da multiplicidade, mesmo que esse teórico não tenha se dedicado em seus escritos a fazer reflexões acerca da infância de maneira sistematizada.

Com base na concepção sartriana, podemos refletir sobre a infância como um período inicial de constituição do sujeito que se inicia no nascimento e finda com a morte. Destarte, o nascimento de uma criança é um acontecimento que afeta a vida grupal, mudando a dinâmica familiar. Antes mesmo de nascer o novo ser gera expectativas quanto a sua chegada, bem como quanto a sua personalidade, muitas vezes pré-imaginada e predefinida a partir do corpo/sexo da criança. Essas expectativas, segundo Schneider (2002), se desdobram no modo dos adultos se relacionarem com a criança e a lançam em um espaço existencial.

Em *As Palavras*, obra considerada autobiográfica e, ao mesmo tempo uma obra literária, Sartre (1967) descreve passagens de sua infância, na perspectiva do adulto que era em 1963, mas contemplando pensamentos, afetos e ações da criança que foi:

Minha verdade, meu caráter e meu nome estavam nas mãos dos adultos; aprendera a ver-me com os olhos deles; eu era uma criança, esse monstro que eles fabricam com suas queixas. Ausentes, deixavam atrás de si o olhar, misturado à luz; eu corria, eu saltava através deste olhar que me conservava minha natureza de neto modelo, que continuava a me oferecer meus

brinquedos e o universo. Em minha bela redoma, em minha alma, meus pensamentos giravam, qualquer pessoa podia seguir seus manejos: nenhum canto de sombra. (Sartre, 1967, pp. 53-54)

Assim, a ideia de infância em Sartre faz eco com a sua concepção de subjetividade, pois a criança, em seu processo de constituição, vai tanto sendo “fabricada” pelos outros, como fazendo algo do que fazem com ela. Dito isso, de outro modo, vai constituindo-se a partir de posições e atitudes que adota frente aos outros, dinamismo inerente às relações concretas com outros, como bem descreve Sartre (2009) em *O ser e o nada*, quando explora a dialética relacional eu/outro.

Segundo Campos et al. (2009), a filosofia e a literatura de Sartre interligam-se entre si, o que propicia pesquisar essas ligações para uma apropriação do pensamento filosófico existencialista em toda sua amplitude. As autoras expõem que nos contos que compõem *O Muro* (Sartre, 2017), por exemplo, ficam implícitos os princípios de uma teoria fenomenológica do eu, na medida em que Sartre apresenta os personagens em situações-limite, em que se veem obrigados a reinventar saídas para as suas questões existenciais. Portanto, Sartre apresenta na literatura a concepção de liberdade ontológica como condição mesma da existência e da constituição dos sujeitos. Assim, é consenso entre os estudiosos de Sartre que suas obras literárias não são desconexas de suas teorias (Campos et al., 2009; Rufinoni, 2008; Schneider, 2006), já que, desde o Sartre estudante, a filosofia surgia para ele como uma possibilidade de uma perspectiva concreta da relação homem-mundo que se desvela nos dramas da existência (Beauvoir, 2009).

Mediante essas considerações, e com o interesse em debater a infância, nos deteremos em um dos contos escritos por Jean-Paul Sartre que compõem o livro *O Muro* (Sartre, 2017), intitulado *A Infância de um Chefe*. O conto tem como protagonista o personagem Lucien Fleurier e retrata sua infância e sua juventude, servindo de material profícuo para interseccionar a teoria filosófica e psicológica de Sartre com uma de suas primeiras obras literárias.

A Infância de Lucien

Lucien é filho único de um casal burguês que passou a infância em Férolles, uma vila na França do início do século XIX. Os Fleuriers eram industriais há quatro gerações e, na tradição da família, Lucien estaria destinado a ser um chefe, como o pai. Pode-se dizer que ele era uma criança solitária, que quase não convivia com outras crianças. Tentava agradar os pais e os adultos e, confuso com as expectativas dos mesmos, acaba por se frustrar com os outros, com as coisas, caindo em uma espécie de “sonolência” ante as situações cotidianas (Sartre, 2017, p. 122).

Vale ressaltar que o conto *A Infância de um Chefe* já foi objeto de estudos de outras/os autoras/es. Toledo e Andrade (2005) analisaram a curiosidade de Lucien criança acerca das coisas e as próprias pessoas. O menino se questiona do que são feitas as coisas, possibilitando o debate presente na teoria sartriana de que a consciência é algo radicalmente distinto dos objetos, num contraponto às teorias clássicas da percepção, pois nessas, os objetos são compreendidos como dissolvidos na consciência.

Ribeiro (2011) discute sobre as dúvidas de Lucien acerca de sua identidade de gênero. Seus questionamentos são possíveis, pois os determinantes do gênero de uma pessoa não indicam o seu aparato sexual e sim a dialética que envolve todo um construto socio-histórico baseado em normas e papéis do que seja o masculino e o feminino. Para Ribeiro (2011), a teoria de Sartre permitiu discutir as escolhas que um sujeito faz mediante esses construtos em conformidade ou não com seus desejos (de ser).

Campos et al. (2009), além de discutirem esses dois temas mencionados, gênero e a curiosidade acerca do que são feitas as coisas e as pessoas, apontam para a sonolência de Lucien como consequência de um projeto de ser sem consistência, já que seu “destino” parece vir de fora: será um chefe, e ao mesmo tempo de dentro, pelo simples fato de que nasceu nessa dada família. Os filhos dos empregados do seu pai serão seus futuros empregados, ou seja, lhe apresentam um mundo pronto e acabado. Lucien, na solidão, põe em dúvida essas certezas postas, mas encontra-se sem as mediações necessárias para viabilizar outras possibilidades de ser. Mais adiante na narrativa, concluem as autoras, essas dúvidas lhe causarão angústia e a sua saída na adolescência será pela má fé.

Assim, embora seja uma ficção e não uma biografia, o conto nos oferece alguns elementos para analisar situações humanas à luz da concepção de sujeito em Sartre. Visa-se não esgotar a análise da narrativa, mas pensar nos aspectos da infância, enquanto tema relevante socialmente. Sobre isso, Schneider (2002, p. 132) aponta a importância de “buscarmos conhecer profundamente a realidade da infância e da adolescência, para podemos nos colocar como mediações viabilizadoras de sujeito íntegros, que tenham clareza de seu compromisso existencial e social”. Nesse sentido, nossa responsabilidade enquanto profissionais da psicologia, da educação e das ciências afins localiza-se no esclarecimento e problematização das infâncias como acontecimentos singulares, criando subsídios para novas ações na prática profissional e na pesquisa, em que as vozes das crianças sejam legitimadas (Pretto, 2013).

Desse modo, o objetivo deste artigo é relacionar a concepção de constituição de sujeito de Sartre, especialmente na infância, com as situações e as vivências do personagem Lucien Fleurier criança. Nesse sentido, visa-se articular as noções filosóficas e psicológicas de Sartre para entender como a mediação dos outros e da materialidade forja essa constituição, na

mesma medida em que a criança vai fazendo algo com essas condições. Para isso, será necessário colocar em evidência as mediações afetivas e efetivas, as condições de possibilidades de escolhas da criança, as situações que vivencia e ao mesmo tempo compõe, e também as apropriações feitas por Lucien acerca da realidade circundante. Ainda, faz-se importante analisar como o contexto antropológico e sociológico, o lugar prévio que uma criança ocupa em uma família, atravessa esse processo.

Metodologia

A principal fonte desta pesquisa consiste na quinta narrativa contida na coletânea *O Muro*, lançada em 1939 pela Editora Gallimard. A edição utilizada foi uma edição especial (*Coleção Clássicos para Todos*), com a tradução de Alcântara Silveira, da Editora Nova Fronteira, no ano de 2017. *A Infância de um Chefe* inicia-se na página 114 e vai até a página 200, totalizando 76 páginas. A infância do protagonista – enquanto período cronológico – é retratada particularmente nas primeiras 15 páginas da narrativa.

Trata-se de um estudo qualitativo, um estudo de caso, em que será utilizado o próprio método progressivo-regressivo indicado por Sartre para a compreensão de uma biografia. Este abarca uma compreensão socio-histórica e existencial do sujeito, e, simultaneamente, um vai e vem do contexto socio-histórico mais amplo com suas condições de racionalidade, para as ações singulares do sujeito em situação, numa dialética incessante. Segundo Ferrarotti (1981, p. 176) “A junção desse duplo movimento significa a reconstrução exaustiva das totalizações recíprocas que exprimem as relações dialéticas e mediadas entre uma sociedade e um indivíduo específico”.

As obras de Sartre utilizadas para realizar este estudo são: *O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica* (2009), *A transcendência do Ego* (2010), *Esboço para uma Teoria das Emoções* (2013a) e *O imaginário* (1996), além de autores que utilizam e compactuam com Sartre na Contemporaneidade.

Assim sendo, seguimos o texto descrevendo e analisando as situações vividas pelo personagem na infância; buscando evidenciar o esforço de Lucien em tentar se entender e se localizar em seu espaço sociológico enquanto ser psicofísico no mundo; o que se dá principalmente através da imaginação, do imaginário e das reflexões espontâneas. Em seguida, trataremos de analisar o contexto social mais amplo e as implicações deste contexto em seu projeto de ser.

Os Primeiros Reconhecimentos de Si

Toda criança vai gradativamente se apropriando do mundo por meio de suas relações. A princípio o que existe é corpo e consciência. O bebê manifesta a si mesmo a partir da relação mediadora dos seus cuidadores (Sartre, 2013b). Nesse sentido, o cuidador do bebê pode ser hábil ou inábil, bruto ou carinhoso, a criança apreenderá em seu corpo as pressões e “sentirá seus membros, violentos, afáveis, retorcidos, contraídos ou libertos, pela violência ou pela afabilidade das mãos que o despertam” (Sartre, 2013b, p. 56). Entretanto, Sartre (2013b) alerta que é a situação “total” que decide como o bebê ou a criança se descobrirá, pois mesmo que haja inabilidade do cuidador, podem ocorrer relações de afetividade pela fala e pelo sorriso que lhes são dirigidos. Outro exemplo disso seria a situação na qual, em uma corrida, a criança cai e machuca o joelho; instantaneamente ela é consciência da dor, mas o modo como vai compreender esse acontecimento – ter caído – terá relação também com a forma como os adultos a tratam: se a acolhem tranquilamente, ou se agem com irritação ou pouco se importam com a sua dor.

Assim, o conjunto da situação e das mediações possíveis às crianças encontra-se sempre em jogo. Como analisa Sartre (2009, p. 167) “aquilo que dizem acerca de um ato que pratiquei ontem ou de um estado de espírito que manifestei não me deixa indiferente: fico magoado ou lisonjeado, reajo ou pouco me importo, sou afetado até a medula”. Diante disso, também sintetiza Pretto que (2013, p. 625), “tanto maior a alienação, quanto maiores as contradições e as pressões exercidas pelo conjunto das relações que a criança estabelece em seu meio”. Importante ressaltar que, nesse processo complexo, as apropriações da criança não são estanques, pois em conformidade com as situações que vão se apresentando à consciência, ocorrem momentos de construção/reconstrução, em um movimento dialético entre a subjetividade e objetividade.

Quer dizer, o sujeito encontra-se inserido em condições materiais, sociais, familiares, existenciais concretas e é no processo de apropriação dessas condições que constitui sua subjetividade, que imediatamente se objetiva, através de seus atos (sua práxis), seus pensamentos, suas emoções. (Schneider, 2011, p.180)

Desse modo, primeiro vive-se, experientia-se as situações concretas/objetivas, para então atribuir certo “valor” e sentido a partir de elaborações acerca de tais experimentações (Sartre, 2009). As elaborações irão depender do horizonte de racionalidade disponível pelas mediações da criança, que advém dos marcadores: sociais, geração, raça, gênero, religião, camadas sociais, território, das características da situação e do projeto em jogo. Ou seja, das condições de possibilidades de sua existência para entender, significar e se apropriar do que se passa na realidade e, assim, se singularizar (Pretto, 2013).

Esse processo de singularização só é possível via contingência e liberdade. Contingência, visto que “quando se trata da pessoa humana, o acaso é ele próprio produtor de sentido; o que quer dizer em geral, que a existência assume a facticidade sem conseguir fundá-la” (Sartre, 2013b, p. 58); existir exige agir, já que a consciência enquanto condição ontológica é um perpétuo lançar-se para o mundo.

Nessa perspectiva, analisamos alguns acontecimentos da infância de Lucien. Importante dizer que as datas não estão especificadas na narrativa, porém, a partir de referências que o texto indica, é possível perceber o cenário europeu nos períodos pré, durante e pós Primeira Guerra Mundial. A primeira situação narrada aparece relacionada a eventos católicos em que as crianças eram vestidas de anjo, fazendo menção à “inocência” ou ignorância infantil em relação ao que eram considerados pecados pela igreja, como a sexualidade, por exemplo.

Na situação em questão, os adultos brincam com essa condição da infância, entretanto, quem se diverte são apenas eles, já que a criança é objeto da brincadeira. Sr. Bouffardier, amigo da família Fleurier, põe o menino no colo, lhe acaricia e lhe diz sorrindo: “— É uma verdadeira mocinha. Como se chama você? Jacqueline, Lucienne, Margot? — Lucien ficou todo vermelho e respondeu: — Eu me chamo Lucien” (Sartre, 2017, p. 114). A vergonha explicitada nas reações fisiológicas de Lucien é uma reificação espontânea na qual se experimenta como objeto revelado pelo outro, como um ser estranho, já que todos estavam a lhe chamar de senhorita. Vale destacar que, para Sartre (2009) o olhar do outro é constituinte, é correlacional na constituição/inteligibilidade de si, na concretude das relações mesmas. Nas palavras do autor “o outro é para mim, antes de tudo [...] o ser pelo qual adquirei minha objetividade” (Sartre, 2009, p. 347). Nessa circunstância em análise, o menino perde seu ser no meio desses adultos, está nas mãos do outro. Em seguida, na narrativa, Lucien imagina-se “mocinha”, sente-se terno e aprecia tal “produto” da consciência imaginante: “Ele não estava mais inteiramente certo de não ser uma mocinha [...] Todos o chamariam minha belezinha querida; [...] sentia-se interiormente tão terno, era um pouquinho enjoativo, e sua voz saía aflautada dos lábios e ele oferecia flores [...]” (Sartre, 2017, p. 114).

A imaginação, à luz de uma teoria fenomenológica de Sartre, deve ser concebida a partir da “lei da consciência”, ou seja, toda consciência é consciência de alguma coisa. É considerada uma experiência de “quase observação”, pois é como se a imagem em ação fosse uma observação, mas ao contrário da consciência perceptiva onde apenas é possível observar como os objetos se dão, na consciência imaginante cria-se algo que independe dos dados reais presentes no momento em que ela ocorre, pois essa consciência transcende livremente se relacionando com objetos ausentes ou inexistentes. Entretanto, no momento que passa a ser descrita por quem a vivencia já passa a ser refletida, ou seja, desvanece para dar lugar a outro tipo de consciência (Sartre, 1996).

Os acontecimentos singulares da infância circunscrevem papéis em que a criança desempenha: papel de filho, neto, irmão etc., os quais podem ser experimentados na tranquilidade ou com estranhamento. Segundo Sartre, nas relações com as crianças entra em jogo um processo pelo qual a “criança, no escuro, às apalpadelas, vai tentar representar, sem o compreender, a personagem social que os adultos lhe impõem” (Sartre, 2002, p. 57). Parece que Lucien, diante das incertezas e exigências postas no meio, se valia da imaginação e das emoções como forma de organização de si e de seu mundo.

Segundo Schneider (2011, p. 175), a imaginação tem uma função importante na vida psíquica, pois é por meio dela que é possível superar situações concretas rumo a um futuro diferente do vivido: “Entretanto, ela não pode produzir conhecimento; não aprendemos nada com a imagem que já não soubéssemos antes.”

Assim sendo, é evidente que as dúvidas e consequentes experiências de imaginação em Lucien aconteciam solitariamente, uma vez que as relações com os adultos transcorriam de modo hierarquizado e não por um espaço de diálogo e reciprocidade. A partir da racionalidade social que considera a infância uma época de transição e de faltas – falta de idade para contribuir com a sociedade adulta/superior, falta de conhecimento para compreender certas coisas, desconsiderando-se suas capacidades – é comum que as crianças sofram, vivam dificuldades e busquem saídas, que não são partilhadas com sua rede de relações.

Situado em seu lugar, sua classe, seu tempo, etnia, características “já prontas”, fruto de uma dimensão já dada ao nascer, Lucien acaba tendo que lidar constantemente com os adultos sem entender suas formas de agir, ou melhor, os adultos acabam por lidar com ele constantemente como um ser incompleto ou como objeto, nas palavras da amiga da mãe: uma “bonequinha”.

Retomando a situação, depois da experiência de imaginação, Lucien passa pelo pai e este o levanta e o chama de “rapagão!”. Lucien teve vontade de chorar e de mostrar a língua, já que embora não entendesse exatamente o que a expressão significava, ela indicava um modelo de masculinidade que não era atrativa para ele ou com que ele se identificasse. Seria uma birra “comum em crianças”? Fenomenologicamente a pergunta poderia ser: o que na situação desencadeou o processo emocional, o choro, no qual o futuro desejado lhe aparece confuso ou difícil?

Para Sartre (2013a), toda emoção implica em significação e toda significação implica em uma síntese das três dimensões temporais e o projeto-de-ser em questão. Uma hipótese que lançamos mão é que nessa ocasião o que ocorre são contradições vindas de suas experiências e do interdito social velado em relação aos gêneros. Para Beauvoir (1967), se coloca o menino em uma condição muitas vezes de brutalidade, enquanto para as meninas são estimuladas e esperadas sensibilidade e fragilidade.

Nesse sentido, “[...] quando os caminhos traçados se tornam muito difíceis ou quando não vemos caminho algum, não podemos mais permanecer num mundo tão urgente e tão difícil” (Sartre, 2013a, p. 63). Transportado para a emoção, o mundo para Lucien qualifica seu ser arbitrariamente: se sente estranho, depois belo, e em função do que lhe dizem imagina-se terno e alegre, mas de repente o pegam e o colocam no alto, qualificando-o de rapagão. Essa simples palavra pode ter significado sinteticamente toda uma carga histórica acerca dos gêneros, percebida nos gestos e falas dos outros, a partir das quais o menino tenta se organizar. Esse mesmo mundo, no seu entendimento, parece tirar a possibilidade de sentir-se terno como se sentiu por conta das suas vestimentas.

Naquele momento, o outro inviabiliza seu desejo de ser, na espontaneidade, em seu porvir. Lucien tem vontade de chorar. É frente à qualidade do mundo hostil que Lucien quer desafiar e se colocar como sujeito: “pediu laranjada porque além de ser gelada estava proibido de tomá-la. Puseram-lhe somente dois dedos em um copinho”. No carro explodiu em soluços, mas encontrou conforto imediato no meio dos pais. No “social” sentiu vontade de chorar, mas só chorou na intimidade da família.

Nessa direção, Sartre (2002) discute acerca das hierarquias das mediações na compreensão de um sujeito singular e a importância fundamental do grupo familiar (ou institucional quando é o caso):

Ora, é em sua relação com os coletivos, é em seu “campo social”, considerado sob seu aspecto mais imediato, que o homem faz a aprendizagem de sua condição; [...] isso significa que o “meio” de nossa vida, com suas instituições, seus monumentos, seus instrumentos, seus “infinitos” culturais [...] seus fetiches, sua temporalidade social e seu espaço “hodológico”, deve ser também objeto de nosso estudo. (Sartre, 2002, pp. 68-69)

As relações nesse espaço “hodológico” indicam o que Schneider (2011) chama de sociológico. “É o processo de sociologização, ou seja, o tecimento afetivo, existencial com os outros que me são significativos e que, por isso mesmo, ajudam a definir o contorno de meu ser (valores, religião, concepção de vida, de mundo), delineando meu projeto.” (Schneider, 2011, p. 153).

Dito isso, convém demarcarmos a importância da noção de projeto, ao pensarmos em constituição de sujeito em Sartre; “O homem define-se pelo seu projeto. Esse ser material supera perpetuamente a condição que lhe é dada; revela e determina sua situação, transcendendo-a para objetivar-se, pelo trabalho, pela ação ou pelo gesto.” (Sartre, 2002, p. 177). Alerta o filósofo que o projeto não deve ser confundido com vontade, apesar de que muitas vezes o projeto revestir-se dela em algumas circunstâncias. E que diferente de uma vontade, o projeto é nossa “estrutura própria”, perpétua produção, resultado de nossa condição de liberdade. Diferente também de uma carência ou uma paixão, embora estas também participem dessa “estrutura” que não é substância estável, mas está em permanente movimento em direção a algo ou àquilo que ainda não é.

Sempre tendo que se defender de críticas, embora elas pareçam resultar do não entendimento da sua teoria em geral, Sartre afirma que a liberdade não é uma liberdade fetiche e sem elo com o mundo. E é a partir da dialética ser-no-mundo, – mundo visto, sentido e vivido daquele ponto de vista ou posicionamento singular no mundo, que depende invariavelmente do contexto sociológico, social, antropológico – que a liberdade vai dando contornos diferentes a diversas pessoas (Sartre, 2002).

Portanto, o projeto-de-ser se constitui a partir das mediações e dos desejos dos sujeitos. Assim, a mediação da família Fleurier surtia em Lucien o desejo de ser alguém importante, considerável pelos outros, na medida em que era prazeroso ouvir coisas como “Estou orgulhosa de meu filhinho.”. Mais tarde descobrirá que sua família já tinha “a certeza” de que seria importante e reconhecido socialmente, pois seria um chefe. Entretanto, até aqui, esses valores não faziam sentido e não condiziam com o que Lucien experimentava no cotidiano.

Após uma noite dormida no quarto dos pais, Lucien tem sentimentos contraditórios em relação aos mesmos. O narrador segue o fluxo de consciência de seu personagem e não deixa claro o que Lucien presenciou durante a noite, já que ele não conseguia lembrar:

No fundo dessa noite sombria e azul alguma coisa se passara — uma coisa branca. Sentou-se no chão, perto da mamãe, e pegou o tambor. Ela lhe perguntou: — Por que você me olha assim, meu benzinho? Baixou os olhos e bateu o tambor, gritando: — Bum, bum, tarara bum. Mas quando voltou a cabeça pôs-se a olhá-la minuciosamente, como se a visse pela primeira vez. Reconhecia o rosto e o vestido azul com a rosa de pano. Entretanto já não era igual. De repente acreditou que ia ser; se pensasse ainda um pouquinho, encontraria o que procurava. O túnel se aclarava como um pálido dia cinzento e via-se mover alguma coisa. Lucien teve medo e deu um grito; o túnel desapareceu. — Que é que você tem, benzinho? Inquiriu mamãe. Ajoelhou-se perto dele com um ar inquieto. — Estou brincando, respondeu Lucien. Ela estava perfumada e ele teve medo de que ela não o tocasse; pareceu-lhe desprezível, papai também, de resto. Decidiu que não iria mais dormir no quarto deles. (Sartre, 2017, pp. 115-116)

É a partir daí que as ambiguidades começam a surgir, sentimentos obscuros e sem ninguém para mediar a compreensão sobre o que se passava. Para uma criança, que está o tempo todo a apreender e conhecer o mundo e as relações sociais, tantas dúvidas e poucas explicações fazem da realidade algo obscuro, na medida em que as crianças precisam de mediações que lhe tragam os dados que compõem a realidade para sentir-se segura, pois quanto mais compreendem a realidade mais seguras se lançam ao mundo (Pretto, 2015). O que ocorre com Lucien, e com muitas crianças, é a necessidade de recorrer ao imaginário como fonte alternativa de vivências, explicações e mesmo afirmações.

Por exemplo, em uma descrição em que Lucien está com problemas para evacuar e a mãe o acompanha, Lucien lhe pergunta: “— Mas você é mesmo minha verdadeira mamãe? — Bobinho — respondeu ela e perguntou-lhe se não ia acabar logo.” (Sartre, 2017, p. 117). O narrador refere que a partir daí o menino começa a duvidar e a imaginar cenas a partir da ideia de que seus pais não são seus verdadeiros pais. Depois disso pegou escarlatina e “se divertiu muito”, ou seja, tornou-se objeto de atenção e preocupação dos pais. Depois que sarou, começou a brincar e imaginar que era órfão.

Outra contradição vivida que podemos mencionar é que ao sentir-se “enjoado” de brincar, já não sabia mais se brincava de órfão ou de Lucien; imita o senhor Bonffardier que lhe parecia tão “feio e tão sério”, beijando a mão da mãe e em seguida, assim como o costume do médico, lhe fala: “minhas homenagens senhora”. Acaba levando uma bronca da mãe que desmancha os cabelos do menino, retrucando: “‘Isso não é bonito, meu ratinho, você não deve caçoar dos mais velhos’; e ele sentiu-se desanimado” (Sartre, 2017, pp. 118-119).

A partir daí “só conseguia ficar importante na primeira e na terceira sextas-feiras do mês” (Sartre, 2017, p. 119), em que havia muitas visitas em sua casa. Nessas ocasiões:

De um modo geral divertia-se com os adultos, porque eram tão respeitáveis — e nunca a gente tem vontade de pensar que façam pipi na cama nem todas essas coisas que fazem os meninos, porque têm tantas roupas no corpo e tão sombrias, que não se pode imaginar o que há por baixo delas. (Sartre, 2017, p. 119)

Esse ponto de vista ilustra tanto a inferiorização geracional encarnada pelo pequeno, como também o desejo de ser “importante” nascido dessas mediações nesse espaço específico caracterizado por seu sociológico, mas que particularmente nessas ocasiões é uma extensão concreta do social e do antropológico. Sentia-se importante, por exemplo, na circunstância em que o adulto lhe diz o quanto é bonito, o interroga como um sujeito e brinca com ele:

A Sra. Coffin punha Lucien nos joelhos e aflagava-lhe a barriga das pernas, declarando: — É o menino mais bonito que já vi. Depois interrogava-o a respeito de seus gostos, beijava-o e perguntava-lhe o que faria quando crescesse. E ele ora respondia que seria um grande general como Joana d’Arc e que retomaria a Alsácia-Lorena aos Alemães, ora que queria ser missionário. [...] Lucien ficava encantado, ria-se à vontade e torcia-se de cócegas. [...] Ambos riam. (Sartre, 2017, p. 119)

Numa das situações narradas, o padre lhe pergunta se ama a mamãe, ele pensa que sim, que ama a mamãe e o papai “que é tão bom e tão forte” (Sartre, 2017, p. 119). Depois o padre solicita que lhe responda quem ele ama mais, a mamãe ou nosso senhor: “Lucien não pôde adivinhar imediatamente a resposta e pôs-se a sacudir os cachos e a dar pontapés no ar, gritando ‘Baum, tararabum’ e os grandes retomaram a conversação como se ele não existisse.” (Sartre, 2017, p. 120).

Ou seja, os adultos criam situações em que a criança precisa apresentar uma resposta e, de preferência, uma resposta adequada, que esteja de acordo com os princípios e valores “sérios” dos adultos. Tudo se passa como se ela já devesse saber o que dizer ou como agir, com pouca frequência, entretanto, aceitam suas idiossincrasias ou ajudam-na a desenvolver reflexões sobre o assunto a partir de seus próprios pontos de vista (Pretto, 2015). Não raro, quando não obtém a resposta desejada ignoram-na, como fizeram com Lucien ou, como em outra situação, envergonham-na. Como já visto anteriormente, a vergonha, experimentação resultante de certo movimento na relação eu/outro, ocorre quando o eu se experimenta alienado, capturado pelo olhar do outro, destituído de sua liberdade (Sartre, 2009). Trata-se de uma experiência comum na relação adulto/criança em sistemas educativos que consistem em “envergonhar as crianças pelo que são”, critica Sartre (2009, p. 290).

Ainda sobre a mediação das infâncias e as possibilidades de relação, temos os assuntos e curiosidades de Lucien como algo sem importância. O menino, ao fazer as suas sínteses sobre a realidade, entende que quando elogiava sua mãe ela lhe era carinhosa, quando chamou a empregada de “arcabuz” esta se ofendeu e foi chorando contar a sua mãe, entretanto, quando falou o nome da árvore estando próxima a ela nada aconteceu. Xingou-a, chutou-a e nada. Na hora do jantar introduziu o assunto com a mãe: “— Você sabe, mamãe, as árvores são de pau — fazendo uma cara assustada que muito a divertia. A Sra. Fleurier, porém, não tinha recebido carta pelo correio do meio-dia e por isso respondeu secamente: — Não seja bobo.” (Sartre, 2017, p. 121).

Assim, a todo tempo acontecem oportunidades de mediações afetivas e intelectuais com as crianças, mas o que se passa muitas vezes é a falta de disposição dos adultos que, estando voltados para seus interesses e preocupações, perdem a

oportunidade de fortalecer vínculos e contribuir para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças. No caso de Lucien, os próprios comportamentos do menino diante das coisas e dos outros não eram mediados:

Lucien tornou-se um pequeno estouvado. Quebrava todos os brinquedos para ver de que eram feitos, cortou os braços de uma poltrona com uma velha navalha de papai, fez cair a tânagra do salão, para ver se ela era oca ou se havia coisa dentro; quando passeava, decapitava as plantas e as flores com a bengalhinha; cada vez mais sentia-se profundamente enganado, as coisas estúpidas, nada existia de verdadeiro. Mamãe pedia-lhe sempre, mostrando-lhe as flores ou as árvores: — Como se chama esta? Ele sacudia a cabeça, respondendo: — Isso não é nada, não tem nome. (Sartre, 2017, pp. 121-122)

Em um sistema patriarcal têm-se a criança e a mulher preenchendo espaços de um lar em harmonia, sendo reservadas as aventuras para o homem que viaja, chefia, vai à guerra, “maneja” os operários, é forte, bom etc. Ou seja, a figura do pai, apesar das ausências, é uma presença importante na família. Entretanto, o Sr. Fleurier tendo a perspectiva de que o futuro está determinado, não vê a infância do filho como um período de construção de seu projeto-de-ser, desresponsabilizando-se em alguma medida em suas ações nesse processo:

O Sr. Fleurier voltou em março porque era um chefe e o general lhe havia dito que ele seria mais útil à testa de sua usina do que nas trincheiras como qualquer um. Achou Lucien muito mudado e disse que não reconhecia mais o seu homenzinho. [...] Era coisa de dar cuidados à mamãe, depois a gente se *sente triste e rancoroso, faz-se de surdo, com a boca cosida e os olhos brumosos*. Por dentro é tépido e suave como quando se está debaixo das cobertas à noite e se sente o próprio cheiro; sozinho no mundo. Lucien não podia sair de seus *amuos* e quando papai fazia sua voz de caçoadá para dizer-lhe: “Você está emburradinho”, Lucien *rolava pelo chão, soluçando*. (Sartre, 2017, p. 122, grifo nosso)

Não podemos deixar de perceber as expressões de Lucien, destacadas acima, sem notar uma possível experimentação de Lucien de ser insignificante. Talvez ao se sentir impotente diante da situação, o pai se fazia indiferente ao caçoar das suas atitudes, o que contribuiria ainda mais para essa totalização de insignificância. O pai talvez “não via sentido” nas atitudes de Lucien, na medida em que isso não se “encaixava” em seu projeto de ser pai. Retomamos a noção da liberdade como inerente ao humano e levamos em consideração que “existe uma consciência específica de liberdade e esta consciência é angústia (Sartre, 2009, p. 77)”. Pode ser que o pai, ao tentar mascarar a angústia diante da sua responsabilidade na vida do filho, para “salvar” seu projeto constituído em meio a racionalidades de sua história de vida, venha a agir de má-fé.

Podemos concluir a essa altura que ocorre com Lucien certa decepção diante do mundo. A criança tenta entender o que são as coisas, os outros, quem ele “é”, do que gosta, do que não gosta (mas deveria gostar), o que sente, o que não sente (mas deveria sentir) etc. Pode-se dizer que a imaginação e a afetividade vão sustentando o projeto de Lucien em ser ontologicamente inseguro e que acaba na adolescência por se transformar em uma segurança baseada na má-fé.

Sartre em nenhum momento do conto fala no tempo cronológico de Lucien. Menciona que no ano de 1919 Lucien foi matriculado na escola. Até então, só tinha contato com o primo Riri com a idade aproximada da sua:

[Riri] tinha manchas no rosto e custava a compreender as coisas. Foi a ele, entretanto, que Lucien contou que era sonâmbulo. Certas pessoas levantam-se à noite, falam e andam dormindo; Lucien havia lido no *Petit Explorateur* e pensou que devia haver um verdadeiro Lucien que caminhava, falava e amava seus pais de verdade durante a noite; só que, pela manhã esquecia e recomçava a fingir de Lucien. A princípio ele somente acreditava na metade dessa história [...]. (Sartre, 2017, p. 123)

Depois de afirmar orgulhoso ao primo que era sonâmbulo e de explicar-lhe o que isso vinha a ser, Lucien pensou: “— É verdade então que eu sou sonâmbulo — e teve um terrível desejo de chorar” (Sartre, 2017, p. 124). Novamente a inteligibilidade de si é mediada pela imaginação e pela emoção.

O ato de sintetizar sua imaginação e ao mesmo tempo certa inteligibilidade de si para o outro, possibilitou a Lucien intuir ser essa uma verdade incontestável sobre si. Entretanto, a criança não pode agir na realidade quando usa a imaginação. E é com base nessas primeiras aprendizagens irrefletidas; onde a imaginação ocupa papel crucial, a partir de poucos dados concretos ou de escassa mediação dos adultos e em uma cultura que se move no determinismo; que acontecem as reflexões de Lucien sobre a realidade e sobre si mesmo.

Essas experimentações vão constituindo um saber de si e do mundo que se desdobram na personalidade. Esse tema Sartre (2010) discute em sua tese *A transcendência do Ego*. A consciência foi, desde o início de seus estudos, objeto de reflexão e pesquisa entre concordâncias e discordâncias com a fenomenologia de Husserl e outros fenomenólogos acerca de consciência e do ego. Porém, é inteiramente apropriada por Sartre a definição que Husserl atribui à consciência quando

afirma que a consciência (ou Para-si) é condição fundamental do modo de ser humano, é transcendente e intencional, consciência de algo que não é ela:

É por meio do mundo que o Para-si [consciência] se faz anunciar a si mesmo como totalidade destotalizada, o que significa que, por seu próprio surgimento, o Para-si é revelação do ser como totalidade, na medida em que tem-de-ser sua própria totalidade da maneira destotalizada. Assim, o próprio sentido do Para-si está fora, no ser, mas é pelo Para-si que o sentido do ser aparece. (Sartre, 2009, p. 243)

Assim sendo, na compreensão sartriana não há um eu transcendental que age por detrás da consciência, sendo o eu a unicidade das consciências sempre em fluxo, resultado das sínteses do passado, na atualidade (sempre provisórias), mas que transcendem para um devir. Ainda, o “eu” não é sinônimo do conhecimento ou desconhecimento de si, mas sim objeto relativo do mundo (Sartre, 2010).

Assim, os movimentos da criança no mundo constituem seu projeto vivo, mas que ao mesmo tempo é significado “de fora” pelas mediações importantes da criança. O ser pode assumir essa significação de fora como um “dever-ser” para cumprir esse papel, que o outro lhe impõe ou espera (amar a mamãe e Nosso Senhor etc.), ou como um “poder-ser”, isto é, poder sentir-se belo, poder ser encantador, e ao mesmo tempo poder ser sujeito e não objeto - nas duas possibilidades precisa haver desejo, desejo de ser -, mas o que mobiliza em ambos os casos, parte das situações mesmas dos sujeitos, mediados pelos outros e pelos objetos.

As Relações Sociais mais amplas e o Lugar Social a ser Ocupado

Sartre demarca que, particularmente na infância, no plano das relações de produção e no plano das estruturas político-sociais, a pessoa singular encontra-se condicionada por suas relações humanas. “A pessoa vive e conhece, mais ou menos claramente, sua condição através de sua pertinência a grupos” (Sartre, 2002, p. 61). Até aqui é possível observar alguns aspectos do grupo familiar e social de Lucien.

Nas visitas a Paris, onde se situa a fábrica do pai, Lucien começa a experimentar as relações com as pessoas de uma forma diferente das vivenciadas em seu campo sociológico e social em Ferolles, em que muitas vezes era tratado como inessencial ou como motivo de brincadeiras. Ao circular próximo a fábrica dos seus pais, as pessoas faziam reverência, tanto ao pai, como a ele próprio, o que faz o menino perceber que ocupa uma posição privilegiada. São boas experimentações, simpatiza com essas formas de olhares respeitosos que lhe lançam comparando com o detestável modo de tratamento que recebe de alguns adultos amigos da família em Ferolles.

Bouligaud tinha ar feliz e jamais teria ousado dar um tapa no traseiro de Lucien chamando-o de sapo, como o Sr. Bouffardier. Lucien detestava o Sr. Bouffardier porque era muito feio. Mas quando via Bouligaud, sentia-se terno e tinha vontade de ser bom. Uma vez, de volta do passeio, papai pôs Lucien nos joelhos e explicou-lhe o que era um chefe. Quis saber como papai falava aos operários quando estava na usina e papai mostrou-lhe como precisava fazer e sua voz mudava inteiramente. (Sartre, 2017, pp. 125-126)

Nesse sentido, pode-se pensar um processo em que os acontecimentos de uma existência vão resultando em uma personalidade. Processo esse que “cada indivíduo não totaliza diretamente a sociedade inteira, ele totaliza-a por meio do seu contexto social imediato, os pequenos grupos de que faz parte; nestes grupos são, por seu turno, agentes sociais ativos que totalizam o seu contexto” (Ferrarotti, 1981). Ou seja, Lucien totaliza o mundo a partir da sua família e dos amigos dos pais, suas apropriações, portanto, são atravessadas pela sua classe, etnia, gênero, geografia em que vive etc. Ao se deparar com outro grupo social, os trabalhadores, percebe a diferença entre os grupos sem entender o que isso quer dizer. Entretanto, gosta do fato de que apenas sua presença é motivo de certa consideração, ou seja, nesse contexto não se experimenta insignificante, e sim respeitado e importante.

Sentindo a atmosfera dessa configuração social tão dada, o menino questiona se algum dia conseguirá ser um chefe. Ao que o pai lhe assegura que foi para isso que ele nasceu. Para substituí-lo:

- Mas certamente, meu rapagão, foi para isso que você nasceu.
- E em quem eu mandarei?
- Bem, quando eu tiver morrido, você será o dono da usina e mandará nos operários.
- Mas eles estarão mortos também.

- Então, você mandará nos filhos deles e será preciso que você saiba fazer-se obedecer e amar.
- E como me farei amar, papai? Papai refletiu um pouco e disse:
- Em primeiro lugar, será necessário que você conheça a todos pelos seus nomes. (Sartre, 2017, p. 126).

Essa é uma lógica que parece corresponder às experiências vividas por Lucien, em que para ser amado é preciso esforço e certa “encenação”. Tanto que quando o filho de um operário vem contar sobre um acidente em que ocorre a perda de dois dedos do pai, o que fica em evidência para o menino é o comportamento a ser adotado frente ao seu futuro empregado, lembrando da orientação do pai de olhá-lo nos olhos e chamá-lo pelo nome. Sua mãe fica orgulhosa, o que confirma mais ainda a necessidade de corresponder a um fazer para ser, mesmo que esse fazer seja inautêntico. Assim, são os fins que dão sentido aos meios, e é nesse sentido que o ser humano é projeto. É possível observar que Lucien, na alienação, tenta se apropriar do projeto de ser um chefe, dado pela sua condição familiar e social.

Ao chegar à escola, diante da postura dos colegas, Lucien tem uma experimentação contrária a essa. Nesse novo grupo ele se depara com o olhar do outro que caracteriza seu corpo e o define. “Lucien é um grande aspargo!”, isso estava escrito na porta do banheiro. Lucien sentia-se “aniquilado de vergonha”, tendo seu corpo visto pelo outro como elemento central e factível, pois ele era alto e grande, como um aspargo. Quando perguntou ao pai sobre caso desejasse com todas as suas forças se poderia diminuir de tamanho, o pai lhe diz que todos os Fleuries foram grandes e fortes e que Lucien cresceria ainda mais. O menino ficou desesperado.

Assim, o corpo que antes era apenas vivido “passa” a ser visto pelo outro, e essa é uma característica fundamentalmente particular do corpo, pois “o que conheço é o corpo dos outros, e o essencial do que sei de meu corpo decorre da maneira como os outros o veem. Assim, a natureza do meu corpo me remete à existência do outro e a meu “ser-Para-outro” (Sartre, 2009, p. 286).

A contradição vivida por ser um Fleuries, com essas características sociais de privilégio, e as características biológicas percebidas e significadas por um anônimo, também é vivida na solidão. E agora sua imaginação sustenta um corpo para ser visto nu pelo buraco da fechadura, já que se sentia transpassado pelo olhar do outro. Para se “vingar e para ver como os outros eram feitos sem o saber” (Sartre, 2017, p. 130), imaginava-se invisível, indo ao ato verificar através do buraco da fechadura a mamãe tomando banho e Germaine, a empregada, de camisola em seu quarto. Entretanto, os mesmos colegas, que imaginava tirando sarro do tamanho do seu corpo e de sua nuca – pois se sentavam atrás de si –, tornaram-se companhias amigáveis até Lucien ir a Paris estudar. Nesse sentido, é notável que os pequenos grupos – entre eles, a família, os vizinhos, os colegas de escola, os amigos –, “participam ao mesmo tempo na dimensão psicológica dos membros que os constituem, e na dimensão estrutural do sistema social” (Ferrarotti, 1981, pp. 174-175).

São os outros grupos que mais tarde constituirão as situações em que Lucien se lança na sua adolescência, na busca de um entendimento de quem “é”, sendo esse modo de ser o que parece constituir seu projeto original. Na medida em que visa em seu futuro a unificação de seu ser, enquanto alguém importante (diante dos amigos e de outros grupos), mesmo sem saber por qual via, busca realizar-se ao organizar o mundo em consonância com a racionalidade de sua classe, o que obviamente convém para seu projeto em detrimento dos outros, mesmo que seja na má-fé ao pensar: que os estrangeiros, especialmente os judeus, são “sujos”, “flutuavam numa água suja e pesada” (Sartre, 2017, p. 196), e que os filhos dos empregados estão querendo alcançar as mesmas coisas das quais sua classe usufrui, etc. É nesse sentido que Sartre afirma que:

O outro é indispensável à minha existência tanto quanto, aliás, o conhecimento que tenho de mim mesmo. Nestas condições a descoberta da minha intimidade desvenda-me, simultaneamente, a existência do outro como liberdade colocada na minha frente, que só quer *ou a favor ou contra mim*. Desse modo descobrimos um mundo a que chamaremos intersubjetividade e é nesse mundo que o homem decide o que ele é e o que são os outros. (Sartre, 1978, p. 16, grifo nosso)

Apesar de parecer uma afirmação simplista e dicotômica, os contemporâneos do protagonista do conto produzido por Sartre, sabendo ou não, querendo ou não, estavam de alguma forma a contribuir ou obstruir o seu projeto. Com isso, finalmente, podemos pensar a moral sartriana, em que a liberdade sustenta o projeto; logo, não há nada a priori que o defina, e minha liberdade implica o ser do outro que também é liberdade. Na medida em que nossos atos organizam e constituem a realidade, visamos o mundo que desejamos. Mas afinal, que mundo é esse que Lucien pequeno desejava? Podemos concluir que, em um primeiro momento, o projeto de Lucien é um produto “alienado”, fruto das relações dos adultos e do modo de lidar com a infância, em que não considera as crianças como sujeitos, detentoras de saberes e também agentes de seu projeto.

Considerações Finais

O título da narrativa: *A Infância de um Chefe*, em princípio pode trazer a ideia de predestinação, já que inicia o conto com o personagem bem pequeno que, de antemão, sabe-estar destinado pela família a ser um chefe. Ou ainda pode parecer,

pelo título do conto, que se fará uma retrospectiva ao passado para explicar o presente, o que vindo de Sartre, que contestava todo o tipo de determinismo, pode soar estranho. Entretanto, o conto retrata aspectos de uma infância e adolescência, em um processo de personalização de um sujeito, onde ao final da narrativa, o personagem parece se totalizar, mediante as características exigidas de fora e, ao mesmo tempo, pela apropriação que efetiva sobre elas, como um chefe antissemita¹, já que elegeram confirmar aquilo que fizeram dele.

Para o filósofo, o passado condiciona o modo de ser de um sujeito em alguma medida, mas não o determina, sendo necessário estudá-lo para compreender em conjunto com as outras dimensões temporais, presente e futuro, bem como as suas mútuas implicações. Entretanto, parece que Sartre tem um objetivo com o título, pois, na medida em que o leitor é apreendido pela leitura, acaba se solidarizando com o personagem que, criança, imerso naquela racionalidade tradicional, burguesa, começa a se singularizar e a se pôr em questão. O título passa então a ser esquecido e até mesmo duvidoso.

O processo de apropriação da realidade também se dá via conhecimento, pois apropriar-se de algo também é conhecer (Sartre, 2009), e o conhecimento, seja ele ancorado em quais fontes, dá elementos para reflexões acerca dos acontecimentos no mundo. A criança pode conhecer através das suas mediações, sejam elas materiais ou humanas. Entretanto, a infância de Lucien se passa na insegurança, em que suas conclusões sobre a realidade são ancoradas na imaginação e emoções, já que seus questionamentos, medos e anseios não são mediados, “amarrados” com a realidade.

Conseguimos fazer o que propusemos, pois ao olhar para as ações e atitudes de Lucien e os nexos que foram construindo sua inteligibilidade de si e dos outros, a partir das condições de sua infância e que foram forjando seu projeto de ser, constatamos os “tipos de consciências” envolvidas nesse processo.

Mediante suas situações, Lucien foi unificando seu projeto e produzindo certo desejo de ser sujeito. Entretanto, seus pequenos projetos empíricos acabam se dando a partir de um desencontro com os adultos e na solidão. Suas vontades acabam sendo difusas e incompreendidas; tentando demarcar-se como sujeito recorre a ações, que resultam em comportamentos de “birras”, experimenta uma espécie de “sonolência” e uma incômoda insegurança ontológica. Tenta relações de reciprocidade, entretanto, os adultos quase sempre se colocam inacessíveis, situação que impede que seu projeto se constitua através de outro campo de possíveis.

Sobre o fluxo de consciências, passível de ser identificado conforme a narrativa apresenta os elementos das situações na perspectiva ora do protagonista, ora de um narrador, observou-se o movimento de Lucien, de se emocionar, de imaginar, e de refletir espontaneamente. Nesse fluxo dialético das consciências, um tipo de consciência não exclui a experiência vivida pelas outras, ao contrário, a consciência espontânea vai se amparando no imaginário, no arranjo racional, e nos processos de emoções. E no meio desses processos brechas de reflexões acontecem, permitindo que Lucien se entenda, como dá, enquanto corpo psicofísico no mundo. Assim, este aspecto evidenciou a articulação entre a teoria filosófica e psicológica de Sartre presente no conto.

Com o conto Sartre parece nos convidar a pensar que, desde a infância, a cada momento, o sujeito pode fazer-se diferente do que os outros fazem com ele, que pode confrontar, negar ou superar os dados, criando seu “destino”, demonstrando a máxima de que a existência precede a essência. Podemos dizer que o filósofo acaba revelando a forma como uma época se relaciona com a infância, posicionando as crianças muito mais como objetos do que como sujeitos, que tem desejos, que se afetam e afetam o mundo e que, especialmente nas camadas médias e das elites, devem servir à manutenção de privilégios, e à garantia do sucesso vinculado ao status social. A família aparece, assim, em uma perspectiva muito mais utilitarista – em que o filho servirá ao projeto familiar, no caso de Lucien, dando continuidade ao negócio familiar – do que de reciprocidade. E apesar de aparecerem muitos momentos de carinho em sua rede sociológica, fica evidente que a atitude que mais predominava nos mediadores sociológicos na infância do protagonista era de colocá-lo como um ser determinado. Desse modo, é importante reconhecer que as diferenças sociomateriais que marcam as condições de vida das crianças não são associadas apenas às diferentes épocas, mas às questões de classe, de raça, de etnia e de território, criando arranjos existenciais que apontam para diferentes possibilidades de ser criança, de viver a infância e de projetar um futuro.

Foi constatado, portanto, que nas suas relações sociais mais amplas, Lucien viverá o privilégio da sua condição material, de classe e étnica, pois é mediante os empregados do pai, cujos filhos, em tese, serão seus empregados no futuro, que Lucien realiza provisoriamente seu projeto de ser importante. Assim, as apreensões momentâneas de si e do mundo (consciências irrefletidas) e as consciências reflexivas vão engendrando um modo de ser no mundo. Como já bem demarcado pelo estudo de Campos et al. (2009), Lucien, na entrada da adolescência, ao ir se deparando com a angústia frente à liberdade, tenta o tempo todo escapar da sua inconsistência de ser, adentrando na má-fé.

1 O Antisemitismo diz respeito à discriminação, hostilidade e violência histórica contra pessoas e coletivos de origem étnica semita. Em uma perspectiva psicológica Sartre afirma que “O anti-semitismo não consiste apenas no prazer de odiar; acarreta também prazeres positivos: tratando o judeu como ser inferior e pernicioso, estou também afirmando que pertencemos a uma elite” (Sartre, 1995, pp. 19-20).

Como já dito, a teoria sartriana demarca que mesmo que um sujeito seja mediado por caminhos impostos pelos outros e pela materialidade desse caminho a ponto de sentir-se “socialmente determinado”, ao lançar-se no mundo, se lança via liberdade. Ou seja, oscilando entre a espontaneidade e a criticidade diante da existência, inevitavelmente, intuirá a irrevogável indeterminação do seu futuro. A liberdade vivida também aponta para a responsabilidade do sujeito ao fazer seu caminho/projeto, implicado com os valores que ele próprio ajuda a construir. Concluimos essa reflexão, portanto, enfatizando o quanto a obra do Sartre é potente para pensarmos a constituição de sujeito e da infância, bem como se faz um aparato importante para uma psicologia comprometida com os processos de subjetivação e com a realidade social e antropológica.

Referências

- Beauvoir, S. (1967). *O segundo sexo, Vol. 2: A experiência vivida*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- Beauvoir, S. (2009). *A força das coisas*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.
- Campos, C. M., Alt, F., & Ewald, A. P. (2009). A interrelação filosófico-literária do pensamento de Sartre: Bases para uma psicologia fenomenológica do Eu. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 15(2), 126-132.
- Ferrarotti, F. (1981). On the autonomy of the biographical method. In D. Bertaux (Ed.), *Biography and society. The life history approach in the Social Sciences*. London: SAGE. Link
- Pretto, Z. (2013). A infância como acontecimento singular na complexidade dialética da história. *Psicologia & Sociedade*, 25(3), 623-630.
- Pretto, Z. (2015). *Crianças no contexto de um bairro em processo de urbanização na ilha de Santa Catarina (2010-2014)*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Ribeiro, D. C. B. (2011). A teoria em cena: O valor e a má-fé na literatura de Jean-Paul Sartre. *Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo: Processos de identificação e políticas da (in)diferença*, 18(1), 8.
- Rufinoni, P. R. (2008). Liberdade dramática: Ética e literatura na escrita de Sartre. *Kriterion: Revista de Filosofia*, 49(117), 201-218.
- Sartre, J-P. (1967). *As palavras* (6ªed). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Sartre, J-P. (1978). *O Existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores).
- Sartre, J-P. (1995). *A questão judaica*. São Paulo: Ática.
- Sartre, J-P. (1996). *O imaginário*. São Paulo: Ed. Ática.
- Sartre, J-P. (2002). *Crítica da razão dialética*. Rio de Janeiro: Ed. DP&A.
- Sartre, J-P. (2009). *O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica* (18ªed). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Sartre, J-P. (2010). A transcendência do ego. *Cadernos Espinosanos*, (22), 183-228.
- Sartre, J-P. (2013a). *Esboço para uma teoria das emoções*. Porto Alegre: L&PM POCKET PLUS.
- Sartre, J, P. (2013b). *O idiota da família*. Porto Alegre: L&PM.
- Sartre, J-P. (2017). *O muro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Schneider, D. R. (2002). Nascimento existencial: O salto qualitativo da infância para a adolescência. In *Anais do III Congresso de Reorientação Curricular*. Blumenau: Edifurb.

Schneider, D. R. (2006). Novas perspectivas para a psicologia clínica a partir das contribuições de J. P. Sartre. *Interação em Psicologia*, 10(1), 101-112.

Schneider, D. R. (2011). *Sartre e a psicologia clínica*. Florianópolis: Ed. da UFSC.

Toledo, R., & Andrade, M. J. N. (2005). O conto “A infância de um chefe” e a primeira fase da filosofia de Jean-Paul Sartre. In *VIII Semana de Filosofia da UFSJ*. São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei. [Link](#)

Como citar:

Wzorek, R., & Pretto, Z. (2022). Psicologia Existencialista e Literatura: Reflexões sobre a Infância a partir de um Conto Sartriano. *Revista Subjetividades*, 22(1), e10854. <http://doi.org/10.5020/23590777.rs.v22i1.e10854>

Endereço para correspondência

Raquel Wzorek
E-mail: quelwzorek@yahoo.com.br

Zuleica Pretto
E-mail: zuleicapretto@gmail.com

Recebido em: 28/04/2020

Revisado em: 13/06/2021

Aceito em: 24/06/2021

Publicado online: 29/04/2022